

DEMOCRACIAS, GOLPES e REVOLUÇÕES: CONEXÕES HISTÓRICAS



A IMORTALIZAÇÃO DO FEMININO NA ACADEMIA PERNAMBUCANA DE LETRAS: VISÕES DE SI E DO MUNDO ATRAVÉS DOS DISCURSOS

Maria Clara Cavalcanti de Mello Oliveira
Graduanda em História, UNICAP
mclaracmoliveira@outlook.com

Prof. Dr. Walter Valdevino do Amaral
Docente do Curso de História, UNICAP
walter.amaral@unicap.br

Resumo

Terceira academia de letras do Brasil, a APL foi fundada em 1906, com o intuito de promover, difundir e homenagear a cultura pernambucana, com destaque para o campo literário. Dentre as variedades de ações realizadas para seguir cumprindo tal missão, há o costume, também comum em outras casas do mesmo feitio e presente desde o início de sua história, de imortalizar escritores. Ao todo, pôde-se observar que essa honraria foi destinada a apenas dezoito mulheres. A partir dos discursos proferidos por elas em suas respectivas cerimônias de posse, a pesquisa, desenvolvida através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica entre 2023 e 2024, utiliza da análise de discurso de Michel Foucault e conceitos de gênero de Judith Butler para investigar quem são essas mulheres, de que lugar elas falam e como o espaço da Academia Pernambucana de Letras se apresenta para elas e para as que futuramente serão homenageadas. Por fim, busca entender qual é o ser-mulher que é considerado digno de virar imortal, observando a presença de um padrão excluente que impera sob o auxílio de um falso Discurso de diversidade.

Palavras-chave: Gênero; Análise de discurso; Academia Pernambucana de Letras.

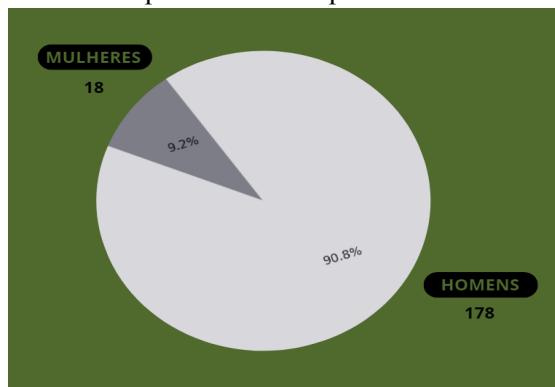
Introdução

Carneiro Vilela fundou, em conjunto com outros dezenove escritores do estado, a Academia Pernambucana de Letras, no dia vinte e seis de janeiro de 1901. Instituição

sem fins lucrativos, foi dissolvida em 1910 e ficou inativa até 1920, ano na qual foi reorganizada, permanecendo atuante até o presente momento. Contou a princípio com apenas vinte cadeiras, e tal número aumentou de forma gradativa, com acréscimos em 1921, para trinta e 1960, para quarenta, quantidade atual.

Com a missão de “promover a defesa dos valores culturais do Estado, especialmente no campo da criação literária”, está localizada desde 1966 na Avenida Rui Barbosa, em um casarão que outrora pertenceu ao barão Rodrigues Mendes. Entre saraus, palestras, publicações de livros e oficinas, também concede uma enorme honraria aos escritores pernambucanos: a imortalização. Efetivada através de uma cerimônia, os novos membros são convidados a proferir um discurso de posse, sendo também saudados por outro, que, por sua vez, é escrito e falado por um dos imortais. De 1901 a 2023, cento e noventa e seis pessoas receberam esse título. Dentre elas, cento e setenta e oito eram homens e apenas dezoito eram mulheres. É possível observarmos no gráfico abaixo que a quantidade de sujeitos femininos é tão ínfima que não chega a 10% do seu total.

Figura I - Gráfico quantitativo do quadro de imortais da APL.



Partindo desse ponto, analisaremos o ambiente da Academia Pernambucana de Letras através da problemática de gênero, investigando-as e buscando entender quem são, de onde falam, como se sentem inseridas dentro de um espaço predominantemente masculino e qual tipo de Discurso essa instituição propaga no tocante às mulheres.

A perspectiva teórica aqui utilizada, se sustenta tendo como base o filósofo francês Michel Foucault e seus escritos sobre análise discursiva. De acordo com ele, a tarefa deve ser identificar as práticas discursivas, sendo estas as condições históricas e regras que regem o que é dito, como é dito, quem pode dizer e sob que autoridade, que estão para além do autor. Elas seriam, assim como os discursos, reflexo de seu contexto:

O discurso, assim entendido, não é uma forma ideal e intemporal que teria, além do mais, uma história; o problema não consiste em saber como e por que ele pôde emergir e tomar corpo num determinado ponto do tempo; é, de parte a parte, histórico – fragmento de história, unidade e descontinuidade na própria história, que coloca o problema de seus próprios limites, de seus cortes, de suas transformações, dos modos específicos de sua temporalidade, e não de seu surgimento abrupto em meio às cumplicidades do tempo (Foucault, 2008, p. 132-133).

Judith Butler nos guia sobre a problematização com outros conceitos. O principal é sua concepção de gênero, apresentada no seu livro de estreia, “Gender Trouble”, de 1990, que o entende como algo não natural ou nem fixo, sendo uma identidade histórica e socialmente construída através da performatividade. Para ela, o gênero também seria o mecanismo pelo qual as noções de masculino e feminino são produzidas e naturalizadas.

As mulheres imortais

Temos, em ordem de entrada: Edwiges de Sá Pereira (13 de maio de 1920), Maria Dulce Chacon de Albuquerque Nascimento (3 de maio de 1960), Maria do Carmo Barreto Campello de Melo (19 de janeiro de 1982), Maria do Carmo Tavares de Miranda (20 de junho de 1983), Lucila Nogueira (27 de maio de 1992), Maria Estefânia Nogueira (14 de junho de 1994), Maria de Fátima de Andrade Quintas (7 de abril de 2003), Débora Vasconcelos Brennand (18 de outubro de 2007), Marly Mota (21 de setembro de 2009), Ana Maria Ventura de Lyra e César (9 de abril de 2010), Luzilá Gonçalves Ferreira (29 de março de 2011), Margarida de Oliveira Cantarelli (23 de maio de 2012), Lourdes Maria Mendonça Sarmento (9 de julho de 2013), Maria Lectícia Cavalcanti (24 de outubro de 2013), Bartyra Soares (27 de outubro de 2015), Nelly Medeiros de Carvalho (3 de dezembro de 2015), Elyanna Caldas Silveira Varejão (20 de outubro de 2019) e Flávia Suassuna (2 de outubro de 2023).

Figura II - Mulheres imortais da Academia Pernambucana de Letras.



Foram, assim, proclamados dezoito discursos de posse. A estrutura textual deles é pré-estabelecida pelo regimento interno da Academia, de modo que o novo acadêmico deve discorrer sobre si mesmo, o patrono da cadeira que será sua e a vida e obra da pessoa que irá suceder. Dentre essas falas, podemos observar a quase ausência de temáticas que abordassem o feminismo ou a diversidade, mesmo que algumas delas trabalhassem diretamente com esses assuntos, e a ausência completa de discursos que mencionassem a pouquíssima quantidade de mulheres dentro da Academia, a instituição sendo retratada sempre de forma positiva, como um ambiente acolhedor. No entanto, é possível elencarmos três discursos que são bem significativos:

1. Dulce Chacon, 3 de maio de 1960;
2. Maria do Carmo Barreto Campello de Melo, 19 de janeiro de 1982;
3. Luzilá Gonçalves Ferreira, 29 de março de 2011;
4. Flávia Suassuna, 2 de outubro de 2023.

Dulce foi a segunda mulher a ser imortalizada pela Academia Pernambucana de Letras. Amiga íntima de Edwiges de Sá Pereira, foi escolhida justamente para sucedê-la, dedicando grande parte de seu discurso de posse (infelizmente incompleto) para os feitos dela. Por Edwiges ter sido uma grande feminista, Dulce aborda esse lado diversas vezes e sempre de forma positiva, compondo uma imagem de mulher forte, que lutava pelos seus direitos e de suas companheiras. Afirmando que Edwiges: “Procurava para a mulher, não só o acesso amplo e integral às atividades culturais da vida moderna, mas a

redenção dessa tutela sem justificativa que dificulta e retarda a afirmação da personalidade feminina” (Chacon, 1960).

O feminismo defendido pelas duas, na época em que viveram, era um feminismo muito novo, que nasce lá fora e chega ao Brasil num meio bastante privilegiado, composto majoritariamente por mulheres brancas, com acesso à educação e relativo poder aquisitivo, e cuja essência era mais comportada do que seus sucessores. Isso pode ser observado em alguns momentos, mas fica explícito quando Dulce discorre sobre “as mulheres da colônia”, e acaba fazendo, intencionalmente ou não, uma divisão: as mulheres eram as sinhás, não as escravizadas. Isso reflete bastante o teor desse feminismo, que viria a ser problematizado e apontado como falho décadas depois, justamente por não admitir que, entre as mulheres, existem diferentes formas de opressão, interseccionais, que vão além do gênero.

Em 1982, Maria do Carmo trouxe muita angústia e existencialismo para a cerimônia, marcas que integram seu estilo de escrita. Ela foi uma das, entre a maioria, que, ao falar de si mesma, faz em um teor que beira o depreciativo, como se não tivesse capacidade o suficiente para estar ali e como se, se desculpasse, mesmo possuindo anos como escritora e um currículo sólido; e, quando fala dos homens que a antecederam ou que eram imortais na época, refere-se a eles como pessoas dignas. Tal afirmação pode ser vista no seguinte trecho do seu discurso: “Chego a esta Casa e, devo dizê-lo, sinto-me perdida entre pessoas de tanto saber. (...) Amigos, a vocês peço desculpas por chegar sem nome e vir de longe sem dizer de onde” (Melo, 1982).

Luzilá, em sua fala, não traz nada sobre mulheres, apesar de ter sido pesquisadora da Imprensa Feminina e da Literatura Escrita por Mulheres, e de estar bastante ligada à estudos nesse sentido; em contrapartida é a única que menciona algo sobre homossexualidade, utilizando o termo adequado à época, mas datado hoje, “opção sexual”. Também faz um apelo ao diálogo, ressaltando a dificuldade em conciliar diferenças nos dias atuais:

Todos somos unâimes em reconhecer a falta de diálogo existente no mundo, entre culturas diversas, pessoas de credos diferentes, opções sexuais distintas. Vivemos uma época turva, cuja mediocridade, a superficialidade parecem ser traços constantes” (Ferreira, 2011).

O discurso de Flávia Suassuna, por ser o mais recente, é bem sintomático e pós-pandêmico. Com fortes ideias decoloniais, traz referências excelentes nesse quesito,

como o poeta Chinua Achebe e a escritora Chimamanda Ngozi Adichie. É interessante pontuar que ela traz críticas ferrenhas ao mundo em geral, sobre raça, classe, cultura do cancelamento, adoecimento mental, sustentabilidade, imperialismo, dificuldade de formação de pensamento crítico e muito mais, tudo isso sem pudor, característica não encontrada nos textos de suas predecessoras.

(...) espalha a ideia de que todos os países têm os mesmos problemas e as mesmas soluções. Ora: é claro que os países pobres têm problemas específicos, inclusive causados pelos países ricos, os quais continuam a dificultar, por meio desses falsos meios de comunicação, a consciência (e, portanto, a solução) de todo esse processo, por meio de uma espécie de cortina de fumaça global que impede que ideias diferentes ou mesmo opostas possam caminhar juntas, gerando sínteses novas e surpreendentes” (Suassuna, 2023).

De Dulce, nos anos sessenta, à Flávia, após a virada do século, sessenta e três anos depois, é possível enxergarmos um pouco do avanço do discurso a respeito de minorias na sociedade, assim como uma consciência política relativamente maior. Porém, considerando que treze anos separam o de Luzilá do realizado por Flávia, e que houveram seis mulheres eleitas entre elas, ainda parece ser difícil que eles adentrem abertamente as paredes quase que impenetráveis da APL.

A “cultura pernambucana” digna de ser imortal

Nos discursos, quando se referiam a elas, seja a mulher que estava sendo empossada, seja quem estava saudando (e, neste caso, muitos homens as recebiam também), há a presença constante de adjetivos e homenagens que reforçam estereótipos de gênero, numa espécie de exaltação delas por serem “mulheres ideais”. São sutis, mas repetitivas, de modo que as descrevem como mães devotas, amorosas, angelicais etc., colocando-as na posição de serem boas por cumprirem bem seus papéis tradicionais de gênero. De exemplo, é possível citarmos esse momento do discurso de posse de Marly Mota, em que fala de Maria do Carmo Barreto Campello, sua antecessora, e para isso escolhe o seguinte trecho de um poema: “(...) seu auto-retrato: Este é o território / onde finquei minhas raízes / onde me (mulher) plantaram / E me regaram com a água da vida / por isso que floresci / e hoje sou como uma ilha / cercada (de filho) por todos os lados” (Mota, 2009).

Outro ponto importante, é entendermos que grande parte delas também fazia parte de um círculo social bem específico e delimitado, pois eram esposas, amigas ou

parentes de homens que eram imortais ou importantes no meio artístico. Não para descredibilizá-las, e sim para refletir como, talvez, só eram permitidas a ocupar esse espaço por terem uma figura masculina que servia de referência para outros homens, e por consequência atestava a competência delas para eles.

O que foi exposto até agora nos leva a necessidade de questionar a missão que a Academia diz ter, de incentivar e divulgar a cultura local, e a ideia de ser acolhedora para mulheres propagada nos discursos delas e em outros âmbitos.

Pernambuco é um estado que conta com uma população majoritariamente feminina e não branca (Araújo, 2023); ainda assim, quase nulo é o acesso dessas pessoas a esse ambiente. Se fizermos um recorte de classe social, religião e sexualidade, a situação se agrava ainda mais. De acordo com Judith Butler, em seu livro “Corpos que Importam: os limites discursivos do sexo”, há corpos que são considerados pela sociedade como indignos, seja de atenção, de luto ou de viver. A estes, se refere como corpos abjetos, utilizando de ponto de partida o conceito de abjeção, cunhado por Julia Kristeva:

(...) abjeção é tudo o que desequilibra o sistema de regras, sejam elas leis, religião, ou moralidade, por exemplo (...) uma característica essencial do referido conceito é o seu potencial de paradoxo, (...) Ao mesmo tempo em que o abjeto nos faz sentir repulsa, também nos atrai, pois o corpo abjeto representa tudo aquilo que foi rejeitado, sufocado e descartado pelo bem das “regras” (Ramalho, 2006).

Corpos tidos como abjetos seriam aqueles “cujas vidas não são consideradas ‘vidas’ e cuja materialidade é entendida como ‘não importante’” (The University of Chicago Press, 1998). Butler se debruça no que diz respeito às pessoas dissidentes de gênero, mas seu termo é mais amplo: pode ser empregado para pessoas não brancas, imigrantes, mulheres, de classe social baixa, com deficiência e afins. Ser abjeto é sobretudo ser proibido de ser e de acessar coisas que em teoria deveriam ser de todos.

Se Pernambuco é um estado tão diverso, sua cultura literária só provém das palavras de homens brancos, cis, heterossexuais e de classe econômica média/alta? É óbvio que não. Mesmo se fossem a maioria, a resposta continuaria negativa; não obstante, são de fato eles os únicos que parecem possuir assento e vez na APL, que, importante frisarmos, está em funcionamento há cento e vinte e três anos.

Ao retomarmos o padrão encontrado, e a noção de gênero para Judith Butler, influenciada em demasia por Foucault, temos que “os indivíduos – sujeitos e agentes

sociais - são condicionados e constrangidos por relações e forças exteriores, as quais, muitas vezes, sequer são conscientemente percebidas” (Rosa, 2017); essas forças impõem a performatividade (não confundir como sinônimo de “performance”, que é uma ação consciente; é performativo, pois é algo que é feito, inscrito em você), e esta, por sua vez, é composta por um conjunto de atos.

(...) os “atos” são uma experiência partilhada e uma “ação coletiva”. (...) Sem dúvida, existem maneiras matizadas e individuais de alguém fazer o gênero, mas o fato de que esse alguém o faz de acordo com certas sanções e proscrições claramente não é uma questão apenas individual. O ato que alguém faz, o ato que alguém performa, é, em certo sentido, um ato que já estava sendo realizado antes de esse alguém entrar em cena. Assim, o gênero é um ato que já foi ensaiado (Butler, 1998).

É a performatividade a “responsável” por estabelecer quais são as características (desde físicas até emocionais, tangíveis ou invisíveis) que determinam as percepções de masculino e feminino. As escritoras que receberam o título de imortais são mulheres que não se desviam de modo algum disso, pelo contrário, foram “autorizadas” a receber tal honraria por este motivo. São mulheres que, “apesar de” serem mulheres, não incomodariam tanto, seriam mais palatáveis. Toleráveis. E são exaltadas assim: boas mães, boas esposas, boas cristãs; sempre nessa cruel régua patriarcal, que paradoxalmente as torna grandes exceções, pois continuam sendo apenas 9,2% de cem, 18 de 196. Régua que estrangula a pluralidade de vozes e consegue, baixa a autoestima, de autoras potentes, a ponto de receberem uma homenagem pedindo desculpas.

Elas ainda são utilizadas para compor a miragem de que a Academia Pernambucana de Letras é um ambiente que deseja recebê-las e apoiá-las, servindo como “prova” de um discurso que tenta se passar por inclusivo, mas se revela restritivo.

Quando uma mulher é eleita, ela é aclamada, assim como é reforçada a importância da presença feminina lá, sendo evidenciado nos discursos de recepção e em outras situações públicas. Por exemplo, sobre Flávia Suassuna, o atual presidente da Academia, Lourival Holanda, disse:

O presidente da APL, Lourival Holanda, destacou a importância da pluralidade na composição da Casa. “Esta eleição demonstra o cuidado da APL com o contemporâneo, trazendo uma pessoa comprometida com a formação de novos leitores, além da acolhida à voz feminina, com a presença feminina literária em nosso meio. Uma repaginação da Casa”, reforça (Folha de Pernambuco, 2023).

Contudo, não é uma repaginação e muito menos as “vozes femininas” são acolhidas. Pelo contrário, é só mais uma que será utilizada com esse propósito, de esquivar-se de críticas (justas). Antes de Flávia, a última mulher a se tornar acadêmica foi Elyanna Caldas, em 2019, e até o presente momento, só duas chegaram ao cargo de presidentes: Fátima Quintas, em 2012, e Margarida Cantarelli, em 2016.

Para se referir a essa prática de modo adequado, é utilizada a palavra *tokenismo*, derivada de *token* (“símbolo”, em inglês). A primeira pessoa a empregá-la foi Martin Luther King Jr., em 1962, em um artigo que escreveu para o “The New York Times”. *Tokenismo* seria, então, a prática de fazer permissões superficiais a grupos minoritários.

uma organização ou projeto incorpora um número mínimo de membros de grupos minoritários somente para gerar uma sensação de diversidade ou igualdade. Porém, não existe um esforço real para incluir essas minorias e dar-lhes os mesmos direitos e poderes do grupo dominante (Folter, 2024).

Serve para que, desse modo, a instituição construa uma imagem de progressista, inclusiva, sem que isso seja materializado em suas práticas, e que acabam por intensificar a opressão ao grupo minoritário usado como *token*, em virtude de estarem em menor grupo. Quando expandimos para a mídia, para falar de mulheres, há até mesmo um termo próprio: o princípio da *Smurfette*, servindo para abordar filmes, livros, jogos etc., que incluem apenas uma mulher num grupo inteiro de homens.

A pesquisadora Rosabeth Moss Kanter desenvolve, em seu artigo “Some Effects of Proportions on Group Life: Skewed Sex Ratios and Responses to Token Women”, apresenta alguns fenômenos que ocorrem nessas configurações quando se tem em específico a predominância de um gênero (homens) sobre o outro (mulheres).

1. **Visibilidade** – Os *tokens* se destacam desproporcionalmente no grupo, levando a pressões de desempenho maiores, pois acabam sendo assimilados como representantes da sua categoria inteira.
2. **Polarização** – Diferenças entre a minoria e o grupo dominante são acentuadas, reforçando barreiras entre eles. Ela observa que, em ambientes com poucas mulheres, os homens acabam por reforçar comportamentos que os diferenciam delas, reforçando seus laços uns com os outros e isolando ainda mais elas.
3. **Assimilação** – Os *tokens* são estereotipados e forçados a se encaixar em papéis pré-estabelecidos, de acordo com o que se “espera” deles.

A visibilidade é bem sintomática do que trouxemos no discurso de Maria do Carmo, cuja pressão por ser excelente, perfeita, paira como uma assombração durante toda a fala, que foi concluída com incerteza, sensação de insuficiência que sufoca a sua existência.

A assimilação é, sem dúvida, o aspecto que mais pode ser observado no nosso contexto de pesquisa, e que mais se relaciona com a performatividade de gênero tida como adequada para as mulheres imortais. Criar uma expectativa de como mulheres agem, se expressam, se portam e são, é delimitar até que ponto elas podem ir, até que ponto elas são toleráveis ou não.

O *tokenismo* é uma violência sutil, por vezes silenciosa, mas que não passa despercebida aos olhos atentos. Ele produz uma situação simulada que desvia a luta por direitos e por acesso, suavizando-a, como quem diz que “já fez demais”, por ter suas minorias-modelo, que sequer são verdadeiramente enxergadas como seres-humanos totais, para além dos estereótipos.

Conclusão

As mulheres que foram indicadas e eleitas para compor o quadro de imortais da Academia Pernambucana de Letras são mulheres que estão dentro de um padrão previsível e restrito, profundamente normativo, em especial heteronormativo. São exaltadas, referenciando umas às outras nos discursos de posse e recepção, em excesso pelas suas capacidades de performatizar o que se entende como ideal feminino, como sujeitos delicados, emotivos, maternais. São boas esposas e boas cristãs, o que as tornam, “apesar de” serem mulheres, mais “toleráveis”, pois também são todas brancas e com certo poder aquisitivo.

Desde sua fundação, levando em conta a auto-concedida missão de promover a cultura do estado, a APL constrói um discurso de inclusão, de quem promove o que é pernambucano, sem exceção, afirmando que as mulheres são valorizadas. Entretanto, a realidade nos prova que não é bem assim, pois sendo permeada não só por exclusão, mas pela limitação dessas vozes. Vozes que só são amplificadas se seguirem o padrão que traçamos acima, além de serem manipuladas como *tokens*.

Por fim, podemos concluir que, a Academia Pernambucana de Letras é pouco receptiva à inclusão de mulheres (num sentido tanto geral, como de pluralidade) em seu quadro de imortais, que a cada ano que passa é um espaço cada vez mais masculino.

Referências

- ARAÚJO, Thalis. Índice de pernambucanos que se declaram pretos aumenta. **Folha de Pernambuco**, Recife, 22 dez. 2023. Disponível em: <<https://www.folhape.com.br/noticias/indice-de-pernambucanos-que-se-declararam-pretos-aumenta/307942/>>. Acesso em: 20 nov. 2024.
- BUTLER, J. (1988). Performative acts and gender constitution: An essay in phenomenology and feminist theory. **Theatre Journal**, 40 (4), 519-531.
- CHACON, Dulce. **Discurso de posse da acadêmica Dulce Chacon**. Recife, 1960.
- FERREIRA, Luzilá Gonçalves. **Discurso de posse da acadêmica Luzilá Gonçalves Ferreira**. Recife, 2011.
- FOLHA de Pernambuco. Escritora Flávia Suassuna é a nova imortal da Academia Pernambucana de Letras (APL). **Folha de Pernambuco**, Recife, 2023. Disponível em: <<https://www.folhape.com.br/cultura/escritora-flavia-suassuna-e-a-nova-imortal-da-academia-pernambucana-de/286048/>>. Acesso em: 20 nov. 2024.
- FOLTER, Regiane. O que é tokenismo? **Politize!**, 14 jan. 2020. Disponível em: <https://www.politize.com.br/tokenismo/>.
- "How Bodies Come to Matter: An interview with Judith Butler", em Signs: Journal of Women. **Culture and Society**, v. 23, n. 2, p. 275-286, 1998.
- KANTER, Rosabeth Moss. Some effects of proportions on group life: skewed sex ratios and responses to token women. **American Journal of Sociology**, v. 82, n. 5, p. 965-990, mar. 1977.
- KING, Martin Luther. The case against tokenism; The current notion that token integration will satisfy his people, says Dr. King, is an illusion. Today's Negro has a 'new sense of somebodiness.' The Case Against 'Tokenism'. **The New York Times**, Nova York, 5 ago. 1962. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/1962/08/05/archives/the-case-against-tokenism-the-current-notion-that-token-integration.html>>. Acesso em: 20 nov. 2024.
- MELO, Maria do Carmo Barreto Campello. **Discurso de posse da acadêmica Maria do Carmo Barreto Campello de Melo**. Recife, 1982.
- MOTA, Marly. **Discurso de posse de Marly de Arruda Ramos Mota**. Recife, 2009.
- RAMALHO, Roberto Gonçalves. Abjeção em monstros de outrora e monstros da atualidade. In: **Anais do III Congresso de Letras da UERJ** - São Gonçalo. Rio de Janeiro, 2006.

ROSA, T. B. O poder em Bourdieu e Foucault: considerações sobre o poder simbólico e o poder disciplinar. **Revista Sem Aspas**, Araraquara, v. 6, n. 1, p. 3–12, 2017. DOI: 10.29373/semaspas.v19n1.2017.9933. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/semaspas/article/view/9933>>. Acesso em: 20 nov. 2024.

SUASSUNA, Flávia. **Discurso de posse da acadêmica Flávia Suassuna**. Recife, 2023.